



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

AMEI QUEM QUASE EXISTIU

Marcos Roberto Inhauser

Por duas vezes nos últimos três meses minha esposa e eu fomos alegrados com a notícia da vinda de mais um neto ou neta. E por duas vezes fomos abalados com a notícia dos abortos espontâneos dos dois fetos. A intensidade da alegria da notícia da vinda deles foi substituída por emoções igualmente fortes. Percebi que amava alguém que não conheci, que quase existiu, mas que com eles já tinha criado mundos de fantasia, sonhos e projetos. Já tinha uma parte de vida deles inserida na minha vida.

É incrível como a espécie humana necessita da certeza da perpetuidade. Fomos criados para ser eternos e um acidente de percurso, já lá no próprio início, segundo a versão judaico-cristã, tirou de nós a eternidade. Como perdemos a eternidade, arrumamos meios para nos tornar eternos via realização dos filhos e dos netos. A vinda deles é a certeza de que nosso nome será lembrado, ao menos por mais duas gerações. Também é a certeza (ao menos assim esperamos) que vai haver quem chore a nossa morte e nos garanta cristã sepultura.

A morte de filhos e netos é como uma bomba a implodir este desejo inato no ser humano. É uma segunda expulsão do Éden, é uma implosão dos sonhos e fantasias. É um ataque à própria estrutura da existência humana. É um ato terrorista.

Não entendo como pode haver gente a favor do aborto. A não ser em casos de extrema necessidade, previstos em lei e socialmente aceitos, o aborto é uma violência contra o ser humano embrionário, mas acima de tudo é um atentado contra a própria estrutura psíquica da mulher, contra o sonho inato da eternidade.

Estas reflexões me vieram à mente também pelo que ocorreu na Rússia, onde, em nome de uma ideologia, crianças foram vítimas do massacre. A primeira coisa que me saltou à mente foi a implosão dos sonhos de perpetuidade de pais, mães, avôs e avós. Quantas pessoas viram o futuro destruído, os desejos não satisfeitos, os sonhos não realizados? Quantas mães e pais se perguntaram: como vou viver sem meu filho? Quantos não desejaram morrer com eles, porque o projeto de vida que eles tinham eram seus filhos e eles agora estavam mortos?

A segunda reflexão que pululou na minha mente é o nível de barbárie que o ser humano é capaz de cometer. Aquilo que parecia ser coisa de filme hollywoodiano, ou de tempos pré-históricos, foi-nos trazido ao vivo e a cores para dentro dos nossos lares. Somos mais bárbaros do que gostamos ou queremos admitir. Em pleno século XXI, com toda a parafernália eletrônica e toda a tecnologia, a humanidade registra em sua história um evento de carnificina explícita.

Como pode o ser humano, frente a uma multidão de crianças, decidir cortar delas o suprimento de água e comida, forçando-as a beber a própria urina? Que humanidade há nestes defensores da liberdade de um pedaço de território?

A quarta reflexão é de caráter político. Que classe de governantes serão os que hoje promovem atos terroristas deste quilate? Seriam eles, quando galgados ao trono, mais humanitários? Seriam eles mais condescendentes? Ou implantariam no território o medo via violência e massacre? Podem terroristas governar eticamente quando galgados ao poder?

Por melhor que sejam as intenções, por mais que aleguem buscar a liberdade e a justiça, por mais que tenham sonhos de plantar o paraíso na terra, a árvore má não dá bons frutos. E terrorismo é

árvore da pior espécie que a humanidade já produziu. Não quero ver terroristas como chefes de Estado, porque o exemplo está aí e isto é o que sabem fazer: matar até mesmo crianças.